Um Psicodrama Popular é sempre insurgente? (Mesa Redonda)

Érico Vieira[1]

Maria Célia Malaquias[2]

Pedro Afonso de Oliveira[3]

Luiza Maria Soares Barros[4]

RESUMO

O Psicodrama popular pode representar uma insurgência em um país que cultiva indiferença ou deprezo em relação a uma parcela de seu povo. O pacto antipopular brasileiro se manifesta a partir de preconceitos escravocratas, classistas e misóginos cultivados por gerações, produzindo um imaginário social que lança olhares desqualificadores e excludentes para os grupos populares. O objetivo da presente atividade é discutir um Psicodrama Popular como aquele que tem como foco os problemas concretos brasileiros, que estabelece aliança com os grupos populares. Um Psicodrama que considere que uma vida espontânea e criadora demanda condições dignas de vida, que insere suas análises e ações nas questões trazidas pelos movimentos sociais. Racismo, feminicídio, escalas de trabalho extenuantes, problemas de moradia e de alimentação. Um Psicodrama que retoma suas origens nas quais Moreno ia para as ruas encontrar com grupos populares, recuperar a ética moreniana dos primórdios do Psicodrama como um saber teórico-prático transformador com caráter popular e democrático. Guerreiro Ramos, pioneiro do Psicodrama no Brasil também concretizava um Psicodrama Popular. Na esteira da sua luta antirracista, Guerreiro Ramos propunha a busca de uma vida mais refinada, para além da mera sobrevivência ou da vida como simples reação às coisas. Os padrões precários de vida vividos no Brasil, sobretudo pelos grupos populares, seriam obstáculos para o alcance de uma vida mais livre, longe da mera servidão à natureza ou da

[1] Psicodramatista Didata Supervisor, Psicólogo, Professor, Universidade Federal de Jataí, Doutor em Psicologia, ericopsi@yahoo.com.br

[2] Mestre em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Psicóloga, Faculdade Paulistana de Ciências e Letras, Psicodramatista Didata Supervisora, Sociedade de Psicodrama de São Paulo (SOPSP), mcmalaquias@uol.com.br

[3] Psicólogo, Psicodramatista, ABPS, Educador Popular, Mestrando em Educação pela Unicamp. psi.oliveirapedro@gmail.com

[4] Psicodramatista supervisora, Associação Entre Nós, Mestra em Psicologia/UEM; luizapsicodrama@gmail.com

simples reação às coisas. Pretende-se apresentar estudos que envolvem relatos de experiências pautadas nas pesquisas que tem sido realizadas nas perspectivas das relações raciais, pesquisas/intervenções realizadas no cárcere na perspectiva de um Psicodrama crítico, pesquisas que analisam experiências de Psicodramas Públicos, intervenções clínicas com pessoas em situação de vulnerabilidade. Trabalhos que possuem como norte a análise crítica das condições sociais que produzem sofrimento e exclusão, como via de promover conscientização e transformação coletiva Estes trabalhos e análises buscam contribuir com um projeto nacional de solidariedade, de soberania nacional, de celebração da diversidade e de humanização, a partir de nossa inserção como psicodramatistas. A atuação com grupos na direção de fortalecer o que Moreno denominou como espontaneidade produtiva popular, forças contestadoras de um grupo ou de uma comunidade que questionam as estruturas vigentes. Observamos que a coletividade possibilita a contestação das imposições sociais, o resgate de lutar por uma vida criativa e com sentido. Emerge uma alegria democrática em ser visto e acolhido em um espaço público. O acolhimento coletivo e público traz vitalidade.

Palavras-chave: Psicodrama Popular; Transformação Social; Democracia; Espontaneidade Produtiva Popular.

Por um psicodrama brasileiro na perspectiva de Guerreiro Ramos, popular e insurgente

Maria Célia Malaquias

RESUMO

Ao me deparar com a pergunta provocativa do querido e ilustre colega Érico Vieira – Um psicodrama popular é sempre insurgente? –, me senti convocada a refletir sobre a possível correlação entre psicodrama popular e como entendo a temática das insurgências no meio psicodramático brasileiro. Assim, meu intuito ao participar dessa mesa é compartilhar algumas inquietações, reflexões, elaborações que foram suscitadas ao meu pensar. Parto da minha compreensão da palavra "insurgências", no plural, no sentido de uma ação que insurge, como um movimento de oposição à ordem estabelecida, um conjunto de ações entendidas como revolta, rebelião, levante, transformação. Importante ressaltar, ainda, que Abdias Nascimento, um dos mais ilustres intelectuais e ativista dos direitos humanos – em especial na sua obra *O negro revoltado*, escrita originalmente em 1968, que traz um manifesto político que defende a construção de uma consciência racial e política por parte da população negra, em prol de um protagonismo social, cultural e político – também norteia minha compreensão e meu pensar sobre psicodrama e insurgências. Assim, minhas pesquisas de longa data sobre psicodrama e relações raciais têm alicerçado minha prática, somadas à releitura da obra de Moreno, além de pesquisadoras negras e pesquisadores negros. Por fim, em especial no grupo de

estudos coordenado por mim, os desdobramentos que temos testemunhado em algumas pesquisas de jovens psicodramatistas apontam para o aumento significativo de insurgências promissoras no psicodrama brasileiro.

Palavras-chave: Psicodrama brasileiro. Relações raciais. Teatro Experimental do Negro. Insurgências.

1 INTRODUÇÃO

Ao me deparar com a pergunta provocativa do querido e ilustre colega Érico Vieira – Um psicodrama popular é sempre insurgente? –, me senti convocada a refletir sobre a possível correlação entre psicodrama popular e como entendo a temática das insurgências no meio psicodramático brasileiro. O tema psicodrama popular, cunhado pelo psicodramatista Érico Vieira para nomear um psicodrama que se preocupa com problemas do Brasil, aliado a grupos populares, a partir do importante trabalho que ele tem realizado com população oprimida – alvo cotidianamente de diversas formas de exclusão pelos sistemas de poderes –, nos aponta para necessidade de reflexões sobre subjetividade, subcidadania e o psicodrama, com seu poder de transformação (Vieira, 2025).

O psicodrama no Brasil surge no espaço do Teatro Experimental do Negro, importante movimento social negro, com o trabalho do Guerreiro Ramos, apenas seis décadas após a abolição oficial da escravização da população negra (Malaquias, 2020). Emerge num contexto histórico, com objetivo de provocar mudanças na ordem social e política vigentes, ou seja, o psicodrama inicia em terras brasileiras, com ações psicossociodramáticas dirigidas pelo sociólogo Guerreiro Ramos, marcado por insurgências.

Reafirmo minha compreensão da palavra “insurgências” aqui entendida como ato de rebelar-se, revolta, levante contra a ordem estabelecida. A parceria entre Abdias Nascimento, principal idealizador e liderança do Teatro Experimental do Negro, e Guerreiro Ramos, considerado um dos maiores sociólogos do mundo, foi fundamental para pensar o Brasil antirracista, unindo militância artística, crítica sociológica e política na defesa do desenvolvimento nacional, visando superar o racismo e a “patologia social do branco”.

Entendo que o psicodrama popular, denominado por Vieira, corresponde ao que Guerreiro Ramos chamaria de psicodrama brasileiro. Um psicodrama que olha para o Brasil, para as brasileiras e os brasileiros, e que vise incluir os diferentes brasis que o habitam.

2 DESENVOLVIMENTO

Apresentamos uma pesquisa qualitativa e utilizamos como método o relato de experiências pautadas nas pesquisas que temos realizado na perspectiva das relações raciais, entendendo a racialidade na sociedade brasileira, em que todas as pessoas são racializadas, e o cotidiano relacional. Nessa sociedade estruturada pelo racismo, que tem como alvo pessoas negras, estas são sistematicamente excluídas, adoecidas, assassinadas por serem negras (Malaquias, 2023).

O sociólogo Guerreiro Ramos, pioneiro do psicodrama no Brasil, desenvolveu no final da década de 1950 um método crítico para o pensamento social brasileiro, visando adequar o conhecimento sociológico à realidade brasileira. É um crítico contumaz dos sociólogos que importam conhecimento, em especial da Europa, e buscam implantá-lo no Brasil. Guerreiro Ramos, na contramão dos colegas da época, visava, com a redução sociológica, uma sociologia brasileira, alinhada à soberania nacional, na busca de soluções para o Brasil a partir do Brasil. Considera o pesquisador brasileiro, o sociólogo brasileiro, um sujeito ativo, que busca produzir ciências sociais comprometidas com a transformação da realidade social.

Nossas pesquisas sobre relações raciais possibilitaram resgatar Guerreiro Ramos para o psicodrama brasileiro, retomar seus escritos, sua relevante obra e disponibilizá-la para psicodramatistas. Nos inspiramos no ideograma africano Sankofa, que significa sabedoria de aprender com o passado, ressignificar memórias, valorizar a ancestralidade; reconhecendo quem chegou antes e abriu caminhos, nos inteiramos dos desafios da atualidade e miramos construir um futuro melhor. Movimento que, felizmente, tem sido transformador, sustentado pelas insurgências diante de urgências devido ao adoecimento social. Como olhamos para esse social me parece ser a principal questão. Como psicodramatistas, nos sentimos implicados ou indiferentes diante dessa realidade social e política?

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como afirmei ao longo deste texto, algumas ideias de Abdias Nascimento (1982) e Guerreiro Ramos (2023, 2024) no acompanharam na tentativa de responder à indagação de Érico Vieira citada na introdução. E, ao compartilhar minhas considerações finais, volto para Moreno, o criador do psicodrama, especialmente para sua tese de que “a sociometria é muitas vezes chamada de sociologia do povo, pelo povo e para o povo. O psicodrama é frequentemente chamado de psicoterapia do povo, feita pelo povo e para o povo. Ele oferece

procedimentos em que se misturam artes e ciências" (Moreno, 2006, p. 15).

Nesse momento, visualizo a mensagem de Guerreiro Ramos para Moreno, feita na cópia do documento da "Declaração final do I Congresso do Negro Brasileiro", realizado em setembro de 1950, no sentido que as declarações caminham no sentido da sociometria (Malaquias, 2020).

Ao entendermos a realidade como construção coletiva, esperamos contribuir convocando congressistas do 25º Congresso Brasileiro de Psicodrama – "Territórios, Memórias e Transformações" para a teoria e prática psicossociodramáticas voltadas para um psicodrama brasileiro, para o Brasil, para os diferentes que nos habitam cotidianamente nos desafios do enfrentamento às graves questões psicossociais com as quais nos deparamos.

REFERÊNCIAS

MALAQUIAS, M. C. (org.). **Psicodrama e relações étnico-raciais**: diálogos e reflexões. São Paulo: Ágora, 2020.

MALAQUIAS, M. C. (org.). **Etnodrama**: contribuições do grupo de estudos de psicodrama e relações raciais. São Paulo: Ágora, 2023.

MORENO, J. L. **Psicodrama**: terapia de ação & princípios da prática. São Paulo: Daimon, 2006.

NASCIMENTO, A. (org.). **O negro revoltado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RAMOS, A. G. **Negro Sou**: A questão étnico-racial e o Brasil: ensaios, artigos e outros textos (1949-73). Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

RAMOS, A. G. **A redução sociológica**. São Paulo: Ubu, 2024.

VIEIRA, É. **A distopia cotidiana dos oprimidos**: psicodrama e exclusão social. São Paulo: Ágora, 2025.

A trama do cárcere brasileiro em um psicodrama crítico

Pedro Afonso de Oliveira

RESUMO

O trabalho analisa o sistema prisional brasileiro como expressão das desigualdades estruturais, destacando o racismo, a seletividade penal e a exclusão social como elementos centrais na produção e manutenção do encarceramento. A partir disso, propõe uma intervenção baseada no psicodrama crítico, articulado à educação popular, especialmente às contribuições de Jacob Levy Moreno e Paulo Freire, compreendendo o sujeito como constituído nas relações e papéis sociais. A pesquisa apresenta a realização de grupos psicodramáticos semanais com pessoas privadas de liberdade, iniciados por meio de linguagens expressivas como a poesia, que favorecem a sensibilização e a abertura dos participantes. O psicodrama é utilizado como ferramenta para experimentação e ressignificação de papéis cristalizados, em um contexto marcado por relações hierárquicas e tensionamentos institucionais. Os resultados indicam que a intervenção contribui para a ampliação da percepção de si para além do estigma de criminoso, fortalecendo vínculos, a escuta coletiva e a construção de narrativas mais críticas e contextualizadas. Conclui-se que o psicodrama, articulado à educação popular, pode operar como prática clínica e política no cárcere, promovendo deslocamentos subjetivos e ampliando as possibilidades de autonomia e reflexão, mesmo diante das limitações estruturais do sistema prisional.

Palavras-chave: Psicodrama insurgente. Psicodrama. Educação Popular. Psicologia Social

INTRODUÇÃO

O sistema prisional brasileiro constitui uma expressão aguda das desigualdades históricas que estruturam a sociedade, articulando racismo, exclusão social e seletividade penal. Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022) indicam que aproximadamente 68,2% da população carcerária é composta por pessoas negras, evidenciando a centralidade das desigualdades raciais na produção do encarceramento em massa. Nesse sentido, o cárcere não pode ser compreendido apenas como resposta à criminalidade, mas como produto de trajetórias marcadas por violências sociais, econômicas e raciais, profundamente enraizadas na estrutura histórica do país.

Nesse cenário, os presídios configuram-se como instituições historicamente violentas, atravessadas por relações de poder e tensão constante entre agentes do Estado e pessoas privadas de liberdade. O debate público sobre criminalidade, no entanto, tende a se restringir

a visões estigmatizantes, desconsiderando as determinações sociohistóricas que produzem o encarceramento em massa.

A criminalização de corpos negros e periféricos no Brasil possui raízes históricas profundas, evidentes desde a perseguição à capoeira e à chamada "vadiagem" no período pós-abolição. Tais dispositivos operam como mecanismos de controle social, definindo quais vidas são legitimadas e quais são consideradas ameaças. Nesse sentido, o conceito de necropolítica, formulado por Achille Mbembe, contribui para compreender como o Estado administra a vida e a morte de populações marginalizadas.

Diante disso, este trabalho propõe refletir sobre o cárcere a partir de uma intervenção psicodramática crítica, articulada à educação popular, investigando suas possibilidades de produzir deslocamentos subjetivos e tensionar as lógicas institucionais que sustentam o aprisionamento.

FUNDAMENTAÇÃO / JUSTIFICATIVA

O Brasil possui uma das maiores populações carcerárias do mundo, marcada por superlotação, alta reincidência e predominância de pessoas negras (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2022). Esses dados evidenciam que o sistema prisional não atua como dispositivo de ressocialização, mas como mecanismo de reprodução de desigualdades estruturais.

A noção de racismo estrutural, conforme desenvolvida por Sueli Carneiro, permite compreender a presença majoritária de pessoas negras no cárcere como parte de um padrão histórico de exclusão. Tal processo se articula à herança da escravidão e às formas contemporâneas de marginalização, que atravessam não apenas as condições materiais, mas também as subjetividades.

Nesse sentido, a perspectiva de Frantz Fanon permite compreender que os efeitos da colonização não se restringem às dimensões econômicas e políticas, mas se inscrevem

profundamente no campo psíquico, produzindo marcas duradouras nas formas de existir, perceber-se e relacionar-se com o mundo. Como apontam Vieira, Oliveira e Malaquias (2023), ao aproximarem Fanon e o psicodrama moreniano, o adoecimento mental deve ser entendido como um fenômeno indissociável das condições sociais, raciais e históricas, exigindo uma abordagem que integre sujeito e contexto.

No caso brasileiro, essa herança colonial e escravocrata se atualiza no sistema prisional, onde corpos negros e periféricos são submetidos a práticas de controle, desumanização e apagamento simbólico. O cárcere, enquanto instituição disciplinar, intensifica esses processos ao impor padrões rígidos de comportamento, vigilância constante e limitação da autonomia, reforçando a internalização de lugares sociais subalternizados.

É nesse espaço de tensão que se insere o psicodrama crítico, articulado à pedagogia de Paulo Freire e à teoria de Jacob Levy Moreno, propondo uma intervenção que compreende o sujeito como relacional, histórico e capaz de transformação.

DESENVOLVIMENTO / EXPERIÊNCIA

A intervenção analisada consiste em grupos psicodramáticos realizados em uma unidade prisional de regime fechado, iniciados em 2023, com encontros semanais. A proposta articula psicodrama e educação popular, assumindo uma postura horizontal, centrada na escuta e na construção coletiva de sentidos.

O trabalho inicia-se com atividades de aquecimento e linguagens expressivas, favorecendo a emergência da espontaneidade em um contexto marcado pela disciplina e pelo controle. A dramatização de cenas — muitas vezes originadas de sonhos — permite acessar conteúdos subjetivos e coletivos, ampliando as possibilidades de elaboração simbólica.

O conceito de coinconsciente, desenvolvido por Moreno, sustenta a compreensão de que experiências psíquicas são compartilhadas no grupo, possibilitando que vivências individuais ressoem coletivamente. Nesse processo, sonhos tornam-se dispositivos privilegiados de intervenção, operando como via de acesso a memórias, afetos e dimensões simbólicas profundas.

A dramatização de um sonho de um participante, por exemplo, mobilizou questões

relacionadas à ancestralidade, colonialidade e pertencimento. A cena, construída coletivamente, permitiu a emergência de reflexões sobre deslocamento, identidade e história, evidenciando como experiências individuais estão imbricadas em processos sociais mais amplos.

Além disso, situações vividas nos encontros, como manifestações de homofobia, revelam a presença de normas sociais internalizadas que atravessam os corpos para além da instituição prisional. O psicodrama, nesse contexto, atua como dispositivo de problematização e ressignificação dessas normas, abrindo espaço para novas formas de expressão e reconhecimento.

A noção de corpo-papel (MERENGUÉ, 2024) contribui para compreender como os papéis sociais se inscrevem corporalmente, sendo atravessados por relações de poder. No cárcere, o papel de "presidiário" tende à cristalização; contudo, a experimentação dramática possibilita sua flexibilização, ainda que temporária, criando brechas para a construção de novas subjetividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência analisada evidencia que o psicodrama, articulado à educação popular, pode operar como prática clínica e política no contexto prisional. Embora não elimine as contradições estruturais do sistema, a intervenção cria espaços de expressão, escuta e criação, tensionando as lógicas de controle e silenciamento.

Os resultados indicam que a participação nos grupos favorece a ampliação da percepção de si para além do estigma de criminoso, o fortalecimento de vínculos e a construção de leituras mais críticas sobre as próprias trajetórias. No plano coletivo, observa-se a constituição de redes de apoio e de espaços de resistência simbólica dentro do cárcere.

Assim, o psicodrama crítico afirma-se como um dispositivo capaz de produzir deslocamentos subjetivos e de contribuir para processos de conscientização, ao reconhecer que o sofrimento psíquico está intrinsecamente ligado às condições sociais. Ao possibilitar que sujeitos narrem, encenem e ressignifiquem suas histórias, a prática reafirma o potencial de reinvenção humana, mesmo em contextos de extrema restrição.

REFERÊNCIAS:

CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARVALHO, M. **Vadiagem e criminalização**. XI Encontro Nacional de História. 2006.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 1952/2008.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública. 2022.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

LIMULJA, H. O desejo dos outros. São Paulo: UBU Editora, 2022.

MBEMBE, A. Necropolítica. São Paulo: N1 Edições, 2018.

MERENGUÉ, D. O sonho como resistência. São Paulo: Àgora, 2024.

MORENO, J. L. Psicodrama. São Paulo: Cultrix, 1993.

VIEIRA, E.; OLIVEIRA, L.; MALAQUIAS, M. Fanon e Moreno: dois pensadores libertários que revolucionaram a saúde mental. In: MALAQUIAS, M. **Etnodrama. Contribuições do grupo de estudos de psicodrama e relações raciais**. São Paulo: Àgora, 2023.

VOMERO, L. S. Z. Conserva corporal: via de acesso para a (des)colonização do coinconsciente. In M. P. Nery, A. C. Eutrópio & L. S. Z. Vomero (Eds.). **Sexualidades, corpos e poder: desobediências criadoras**. São Paulo: Ágora, 2024.

Psicodrama para que e para quem?

Luiza Maria Soares Barros

RESUMO

O presente trabalho discute o psicodrama popular na perspectiva insurgente, situando-o no contexto contemporâneo de desumanização associado às transformações do capitalismo neoliberal. Parte-se da compreensão de que o ser humano não nasce pronto, mas se constitui histórica e socialmente nas relações e nas atividades que produzem a vida social. Nesse cenário, problematiza-se para que e para

quem se dirige o psicodrama, considerando sua função social e política no enfrentamento das desigualdades e dos processos de exclusão que marcam a sociedade contemporânea. A fundamentação teórica articula a socionomia de Jacob Levy Moreno e a psicologia histórico-cultural de Lev Vygotsky, em diálogo com o materialismo histórico-dialético. Ambas as tradições concebem o ser humano como sujeito histórico, constituído nas relações sociais e capaz de transformar a realidade por meio da ação consciente. O objetivo do trabalho é refletir sobre o papel do psicodrama popular como prática de intervenção que reconhece as determinações históricas e sociais do desenvolvimento humano e busca ampliar horizontes emancipatórios. A metodologia consiste em pesquisa teórico-bibliográfica sobre a concepção de formação humana na psicologia histórico-cultural, articulada a uma análise crítica das bases conceituais do psicodrama moreniano. Os resultados indicam que a potência transformadora do psicodrama não reside apenas em seus procedimentos metodológicos, mas em seus princípios filosóficos e em sua compreensão crítica das relações sociais. Nesse sentido, conceitos centrais como espontaneidade e criatividade adquirem dimensão política ao possibilitar processos de conscientização, reorganização das relações e produção de novas formas de convivência social. Conclui-se que o psicodrama popular, quando articulado a uma leitura crítica das condições históricas que produzem sofrimento e exclusão, pode contribuir para processos coletivos criando espaços de reflexão compartilhada, reafirmando sua vocação para projetos emancipatórios de transformação social.
Palavras-chave: Psicodrama insurgente. Socionomia. Formação Humana. Psicologia histórico-cultural.

Introdução

Psicodrama popular na perspectiva insurgente se insere no contexto de desumanidades produzidas pela política neofascista do capitalismo em sua atual fase neoliberal (Lowy, 2021). Isso vem provocando estudos e reflexões para compreender o que significa *ser humano*. Partindo de que não se nasce humano e que tornar-se humano é um processo histórico e social, esse tema é considerado essencial para pensar a vida e o trabalho na psicologia e no psicodrama. Essa consideração se fundamenta na Socionomia de J. L. Moreno (1889–1974) e na psicologia histórico-cultural de L. S. Vigotski (1896–1934). Somos seres humanos e estes são também o nosso *objeto* de estudo e intervenção, daí precisarmos compreender como nos constituímos, nas condições sociais sob o capitalismo, ao longo do nosso tempo histórico.

A palavra *humano* foi utilizada pela primeira vez no século XIV (Williams, 2007), significando o que era relativo aos homens, passando a designar o gênero humano, além de contrapor o humano ao divino. Após o século XVIII ganha atributos de sensibilidade e cortesia, remetendo a ideais civilizatórios europeus e ocidentais. Aqui as reflexões se ancoram em pesquisa teórico-bibliográfica recente sobre a concepção de formação humana

na psicologia histórico-cultural (Barros, 2025), articulada a uma leitura crítica das bases conceituais do psicodrama moreniano (Moreno, 1975, 2008).

Conhecimento e capacidade de reflexão são instrumentos de luta para enfrentar e superar as dificuldades no cotidiano. Ao psicodrama popular e insurgente trazido nessa mesa, proponho agregar concepções sobre formação humana, com o propósito de discutir a necessidade de enfrentar processos contemporâneos de desumanização e de ampliar horizontes emancipatórios que incluam o todo da sociedade.

Fundamentação / Justificativa

Quem é o ser humano que atendemos e tratamos e que contribuição social é produzida com essa atividade? Em busca de respostas, partimos do encontro entre duas tradições teóricas que compartilham a compreensão de que o ser humano não nasce pronto, mas se constitui historicamente nas relações sociais e nas atividades que produzem a vida social. A socionomia de Jacob Levy Moreno e a psicologia histórico-cultural de Lev Vigotski, articuladas à perspectiva do materialismo histórico-dialético. Ambos reconhecem o ser humano como sujeito histórico, capaz de ultrapassar a imediaticidade do presente e transformar a realidade por meio da ação consciente. A ideia de que o indivíduo se constitui histórica e socialmente tornou-se lugar-comum nas ciências humanas, entretanto, falta aprofundar os significados e implicações dessa compreensão, e não apenas aceitá-la como evidente, como destaca Meira (2012).

J. L. Moreno, concebe o ser humano *criador* da sua própria existência, que é social. Em seu método, busca-se compreender, elaborar e transformar experiências humanas, relacionais e sociais, permitindo que grupos reflitam e reorganizem suas formas de convivência. Sua vocação política e coletiva não é uma leitura contemporânea, estando presente desde a concepção original do seu método científico de intervenção social.

O conceito de *tricotomia social* de Moreno desdobra a relação indivíduo-sociedade em: matriz sociométrica, sua dimensão mais individual ou singular; a realidade externa - o universo - em que os seres habitam e onde a realidade social opera e se manifesta em suas particularidades – que são os grupos (Moreno, 1975 e 2008). Vigotski propõe compreender a formação humana, articulando, no mínimo, três trajetórias interdependentes: a filogênese, relacionada à evolução biológica da espécie; o percurso sócio-histórico, mediado pelo trabalho, pela linguagem e pelas relações sociais; a ontogênese, correspondente ao desenvolvimento singular de cada indivíduo (Vigotski & Luria, 1996). A concepção de formação humana constitui um dos fundamentos da psicologia histórico-cultural e nessa perspectiva, o desenvolvimento humano é um processo histórico e social que se realiza nas

atividades humanas e na apropriação da cultura (Vigotski, 2023). Porém, "A formação do indivíduo como produto histórico e social tem se realizado nas condições da luta de classes, reproduzindo a alienação e não sendo exclusivamente humanizadora" (Barros, 2025, p.46) e é no propósito de enfrentar os conflitos advindos dessas contradições que o psicodrama popular afirma o seu lugar no movimento psicodramático

Quem é o nosso paciente ou cliente e quem são nossos grupos e a que camada social pertencem? Psicodrama popular é uma contraposição ao pacto antipopular, escravocrata, classista e misógino da sociedade que vem sendo cultivado por gerações, produzindo visões e comportamentos que desqualificam e excluem camadas da população, ignoradas e desprovidas de condições humanas dignas.

Moreno afirmou que "Em sua origem, o Teatro para a Espontaneidade converteu-se num lugar de reunião dos descontentes e rebeldes psicológicos, o berço da revolução criadora entre 1922 e 1925*"* (Moreno, 1975, p. 55). Na formulação da sociometria. Moreno (2008) afirma que a vida humana se constitui nas redes de relações sociais — o chamado tecido sociométrico da sociedade — e a transformação dessas relações pode produzir mudanças sociais significativas.

A potência insurgente do psicodrama não reside apenas em seus procedimentos metodológicos, mas, essencialmente em seus princípios filosóficos e em uma visão crítica do desenvolvimento humano. Isso implica considerar as determinações históricas e sociais que incidem de forma desigual nas diferentes camadas da sociedade. Nesse sentido, caracterizar o psicodrama como insurgente exige retomar dois conceitos centrais da ciência moreniana: espontaneidade e criatividade. "A evolução consciente através do treino da espontaneidade, abre novos horizontes para o desenvolvimento da raça humana" (Moreno, 1975 p. 97).

O movimento conserva-espontaneidade-criatividade constitui a dinâmica da vida social – a essência humana está em sua criatividade. Moreno compreende esses conceitos como forças fundamentais da existência humana, capazes de catalisar processos de transformação individual e coletiva. "A dimensão política do conceito de espontaneidade como via de resistência aos poderes vigentes, representa uma forma de atualizar a revolução criadora em nosso tempo histórico" (Vieira, 2025, p.54). É essa a posição que aqui defendemos.

Tecendo considerações

Vivemos o esvaziamento de valores essencialmente humanos que acirra sentimento de impotência, de anomia, de isolamento em relação ao outro e a nós mesmos, dissolvendo a conexão entre o indivíduo e a sociedade na qual ele vive, convertendo individualidade em

individualismo. Somos sociais, "não por força do seu *habitat* coletivo, mas alguém cuja essência só pode ser encontrada fora de si", isso resulta no ser eternamente dependente do pertencimento social (Carvalho e Martins, 2020, p. 289).

A socionomia, assim como as demais práticas *psi* - precisam mergulhar nas condições históricas da formação do indivíduo, tanto para compreender sua singularidade – as diferenças individuais – quanto para ter meios e instrumentos de enfrentar a diversidade e a dinâmica complexa da condição humana. Não há mais espaço para "concepções subjetivistas a partir das quais se analisam os fenômenos psicológicos como produtos internos do indivíduo (...)", (Meira, 2012, p. 15).

Moreno (2008), afirmou que *um procedimento verdadeiramente terapêutico não pode ter um objetivo menor que o todo da humanidade*, revelando o horizonte de sua proposta no alcance da transformação das relações sociais e da sociedade. A tradição marxista que fundamenta a psicologia histórico-cultural enfatiza que compreender o ser humano implica compreender as condições sociais que produzem sua existência (Marx & Engels, 1977). Indivíduos presos na sua particularidade e isolados em seu sofrimento, almejam uma existência reduzida à busca do prazer efêmero, apartados da vida em comunidade e da luta pelas superações (Abrantes & Bulhões (2020). Há um esvaziamento da existência humana.

A insurgência emerge de práticas psicodramáticas que se articulam à análise crítica das condições sociais que produzem sofrimento e exclusão, que possibilitam processos de conscientização e transformação coletiva. Nesse horizonte, o psicodrama reencontra sua vocação mais profunda: ativar um projeto social emancipatório, no qual cada cena se torna ensaio de liberdade e cada encontro, possibilidade de transformação. A dramatização a se afirmar como ato de criação histórica, ecoando a promessa moreniana da **revolução criadora**.

REFERÊNCIAS:

ABRANTES, Â. A., & BULHÕES, L. Idade adulta e o desenvolvimento psíquico na sociedade de classes. In L. M. Martins, Â. A. Abrantes, & M. G. D. Facci (Orgs.), *Periodização histórico- cultural do desenvolvimento psíquico: Do nascimento à velhice* (2ª ed.). Campinas, SP: Editores Associados. 2020.

BARROS, Luiza. M. S. A psicologia e a concepção de formação humana na perspectiva da psicologia histórico-cultural. Dissertação de Mestrado na Universidade Estadual de Maringá: 2025. RI-UEM: A psicologia e a concepção de formação humana na perspectiva da psicologia histórico-cultural

CARVALHO, S. R. de C., & MARTINS, L. M. . Idade adulta, trabalho e desenvolvimento psíquico: A maturidade em tempos de reestruturação produtiva. In L. M. Martins, Â. A. Abrantes, & M. G. D. Facci (Orgs.), *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: Do nascimento à velhice* (2ª ed.). Campinas, SP: Editores Associados. 2020

LÖWY, Michael. Dois anos de desgoverno – a ascensão do neofascismo. Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Consulta em 2021. https://www.ihu.unisinos.br

MARX, Karl., & ENGELS, Frederich. A ideologia alemã. São Paulo: Grijalbo. 1977.

MEIRA, Marisa. E. M. A crítica da Psicologia e a tarefa da crítica na Psicologia. Psicologia Política, 2012, *12*(23), 13–26.

MORENO, Jacob L. Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do sociodrama. São Paulo: Daimon, 2008.

MORENO, Jacob. L. Psicodrama. São Paulo: Cultrix, 1975.

VIEIRA, Érico. A distopia cotidiana dos oprimidos: Psicodrama e exclusão social. Ágora, 2025.

VIGOTSKY, Lev. S. Psicologia, desenvolvimento humano e marxismo (G. Toassa & P. Marques, (Orgs.). Hogrefe, 2023.

VYGOTSKY, Lev. S., & LURIA, Alexander. R. Estudos sobre a história do comportamento: Símios, homem primitivo e criança. Artes Médicas, 1996.

WILLIAMS, Raymond. Palavras-chave: Um vocabulário de cultura e sociedade (S. G. Vasconcelos, Trad.). Boitempo, 2020.